Toro, Josep. *Mitos y errores educativos.* Conducta humana. Barcelona, Editorial Fontenella. 1981, 355 p. (Colección de Psicologia y Psiquiatria, n.º 22.)

O livro contém uma análise cuidadosa e profunda de vários modelos educacionais, incluindo experiências recentes.

Através de uma forma despretensiosa, coloquial, o autor nos leva a refletir sobre os vários conceitos atuais de educação. Obriga-nos, ao fim, a uma tomada de posição, tais os argumentos que apresenta e que propõe à consideração do leitor.

Embora analise a fundo a educação mais do ponto de vista de seu povo – o espanhol – acreditamos serem seus conceitos válidos para todos os países, pois a educação hoje se evidencia como preocupação de todos, como problema maior da sociedade de cada povo.

A análise se apresenta, em todas as etapas, impregnada de um profundo humanismo.

Começa o autor por afirmar que todo o homem é produto da educação recebida e que os métodos utilizados nessa educação, em qualquer sociedade, são um complexo sócio-econômico-cultural de um momento de sua história.

Assinala a coexistência, atualmente, de duas orientações educativas divergentes: a tradicional, submissa a costumes e usos imutáveis e outra, progressista, revolucionária, supostamente inovadora. Ambas se consideram donas da verdade absoluta. O equilíbrio entre essas duas orientações existe, mas não constitui a maioria.

O objetivo primordial da obra é apresentar critérios que possibilitem uma crítica realista de certas práticas educativas, defendidas por correntes de pais e mestres. Escolheu para estudo as práticas educativas que lhe pareceram mais erradas, arquetípicas e míticas, em seus extremados usos.

Com o intuito de simplificar e sistematizar o estudo, delimitou-o a três grandes modelos de educação, aqueles que, pretende o autor, oferecem maiores riscos: a educação punitiva, a superprotetora e a inibicionista. Os dois primeiros modelos acham-se enraizados nos costumes latino-americanos. O terceiro, defendido com ardor por muitos, apresenta dois tipos de escola bastante divulgados: os "métodos naturais", do francês Freinet, e o "totalizador", do inglês Neill em seu "Summerhill".

Analisando a educação punitiva, mostra-a capaz de marcar o indivíduo por toda a existência. Embora bastante amenizado e reduzido, o castigo ainda é uma forma de "educar" na mentalidade de muitos, que não medem, naturalmente, as conseqüências psicossociais de uma

punição sistemática, que produz respostas emocionais negativas, insatisfação, desassossego, angústia.

Adverte, no entanto, que não nos esqueçamos que a sociedade pune também e, então, o castigo experimentado em doses justas e equilibradas pode resultar de utilidade para mudança no comportamento inadequado do educando, estimulando-o a uma melhoria de conduta.

Falando sobre a educação superprotetora, atribui a ela um domínio bloqueador das experiências socializadoras da criança, impedindo que alcance níveis de socialização compatíveis com a idade e seu meio social.

São inúmeras as razões que justificam uma ação educadora superprotetora de pais e mestres, geralmente evitar perigos, riscos, mas, na realidade, a razão fundamental é a própria ansiedade do educador. Alerta para o fato de se poder superproteger e "agredir" ao mesmo tempo, quando se faz acompanhar de gritos, gesticulação, excesso de zelos e mimos ou mesmo como mecanismo de compensação de carências ou pseudocarências.

A mais perniciosa conseqüência da educação superprotetora é, no entanto, o atraso do educando na aquisição de hábitos básicos de autocuidado, isto é, dos comportamentos que lhe permitam alcançar, por si mesmo e na época própria, a satisfação de suas necessidades básicas, inatas ou não. Acarreta igualmente uma dificuldade de relacionamento interpessoal e social.

Por fim, apresenta o autor o que denomina educação "inibicionista", que consiste na tendência de os educadores não influírem sobre as crianças de modo habitual, não intervindo, portanto, diretamente no processo de seu desenvolvimento.

Chama a atenção para o fato de que este tipo de pedagogia, "inibicionista", que se caracteriza por colocar o aluno abandonado a si próprio, sem qualquer coação a seus impulsos e desejos, é uma pedagogia voltada para a liberdade total do aluno.

Tomou para estudo dois modelos de educação, muito aplaudidos em certo tempo, decrescendo já este entusiasmo, envolvendo experiências pedagógicas muito concretas e bastante difundidas: os "metodos naturais" de Celestin Freinet e a "educação radical" de A. S. Neill, com sua experiência em Summerhill.

O autor tece comentários vivos e oportunos sobre as duas escolas, procurando desvendar-lhes, com isenção, através de críticas construtivas, os pretensos acertos e erros de cada uma.

É livro ameno, rico de observações, que o autor pauta em sua larga experiência de educador, o qual proporciona, a seu turno, prazer na leitura, enriquecimento de experiências e aprimoramento cultural.

MARIA LUIZA LARQUÉ